

## Significados da construção da aparência e processo de envelhecimento entre idosas brasileiras e espanholas\*

*Meanings of the construction of appearance and  
the aging process among Brazilian and Spanish  
elderly women*

*Significados de la construcción de la  
apariencia y proceso de envejecimiento entre  
mujeres mayores de Brasil y España*

Patrícia Yokomizo  
Andrea Lopes

**RESUMO:** O artigo apresenta uma caracterização, e comparação, de significados presentes na aparência e envelhecimento de mulheres idosas do Brasil e da Espanha. A construção da aparência apresentou-se como processo dinâmico realizado ao longo da vida. Os modos de compor e significar a apresentação pessoal estiveram relacionados ao envolvimento com diversos agentes e instituições sociais. Os principais significados construídos e transmitidos foram decência, naturalidade e feminilidade.

**Palavras-chave:** Aparência; Envelhecimento; Significado.

---

\* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

**ABSTRACT:** *the article presents a characterization and comparison of meanings present in the appearance and aging of elderly women from Brazil and Spain. The construction of appearance proved to be a dynamic process performed throughout life. The ways of composing and meaning personal presentation were related to the involvement with several social agents and institutions. The main meanings constructed and transmitted were decency, naturalness, and femininity.*

**Keywords:** *Appearance; Aging; Meaning.*

**RESUMEN:** *el artículo presenta una caracterización y comparación de significados presentes en la apariencia y envejecimiento de mujeres mayores de Brasil y España. La construcción de la apariencia se presentó como proceso dinámico realizado a lo largo de la vida. Las maneras de componer y significar la presentación personal estuvieron relacionadas al involucramiento con diversos agentes e instituciones sociales. Los principales significados construidos y propagados fueron la decencia, naturalidad y feminidad.*

**Palabras-clave:** *Apariencia; Envejecimiento; Significado.*

## **Introdução**

Atualmente, muitas sociedades se deparam com um significativo, crescente e inédito aumento da expectativa de vida (World Health Organization, 2016). Nesse cenário, em distintas localidades, as mulheres têm sido protagonistas (Neri, 2014). A respeito destas, Rodrigues e Justo (2009) colocam que muitas das idosas do século XXI vivenciaram ao longo da vida uma série de preconceitos e dificuldades, como a restrição ao mundo profissional ou à administração financeira do lar, tendo sido reduzidas ao meio familiar e doméstico. Tal fato, por outro lado, também veio a ocasionar-lhes uma menor exposição a riscos, como a violência urbana e as lesões laborais, favorecendo, em certa medida, para que vivessem mais que os homens da mesma geração.

Ao vislumbrar diferentes determinantes da trajetória do envelhecimento e da expectativa de vida, em especial das mulheres, percebe-se que as formas de envelhecer e alcançar idades avançadas podem ser diversificadas em termos das condições materiais,

dos papéis sociais, dos suportes ou mesmo da visão subjetiva sobre esse processo (Aboim, 2014). Em outras palavras, trata-se de uma experiência heterogênea: que transcorre em acordo ou desacordo com variados aspectos e depende da vivência ou restrições vinculadas à idade, gênero, renda, escolaridade, estado civil, entre outros marcadores de diferença.

A heterogeneidade das formas de envelhecer suscita o desafio de estruturar meios para compreender esse processo em sua complexidade. Em outras palavras, como levantar e investigar experiências vivenciadas ao longo da vida e suas relações entre si? Ou ainda, de que modo essas experiências delinearão o curso de vida das mulheres que têm atingido a maior expectativa de vida em distintas populações? Finalmente, como elas têm vivenciado o envelhecer em contextos supostamente menos favoráveis, como o de baixas renda e escolaridade e o da reclusão ao ambiente doméstico e familiar?

Para Silva (2013), a variável aparência constitui uma referência visual dos indivíduos, sendo capaz de demonstrar sua relação com o tempo e o espaço em que vivem por meio de roupas, acessórios, penteados, maquiagens etc. Silva, Cachioni e Lopes (2012), ancoradas em Crane (2006), descrevem que a aparência “vai muito além de roupas, indumentárias, incluindo também papéis, comportamentos e tarefas sociais [...] nos levando, então, a dizer que a aparência é socioculturalmente construída e que sofre influências externas e internas” (p. 240). Os elementos e dinâmicas mencionados pelas autoras podem ser configurados a partir de trocas simbólicas, comportamentais, atitudinais, afetivas informais e, ainda, são capazes de explicar sobre um indivíduo, sobre o meio em que se vive e sobre os *modus operandi* do envelhecimento.

Em complemento, para Yokomizo e Lopes (2019), a aparência serve para comunicar “mensagens, significados, emoções, crenças, estilos e/ou tipos e compreensões de beleza” (p. 239). As autoras consideram que a construção da apresentação pessoal é processual e ocorre ao longo de toda a vida, estando em acordo com as condições e modos pelos quais os indivíduos e grupos envelhecem.

Mediante o potencial da aparência, sinalizado por diferentes estudiosos (Crane, 2006; Lipovetsky, 2009; Blackman, 2011; Simmel, 2014), para desvendar universos individuais e coletivos, nesta pesquisa utilizou-se essa variável para investigar os modos de envelhecer de idosas brasileiras e espanholas. No caso, mulheres que superaram a máxima expectativa de vida de seus países e em contextos de baixos recursos socioeconômicos.

A busca por idosas de 80 anos ou mais, pobres e pouco escolarizadas, teve em vista compreender como a problemática de pesquisa se comporta em grupos geralmente menos ou não valorizados de forma entendida como positiva e possuidora de status social. Procurou-se, assim, entender os possíveis agentes, dinâmicas e significados envolvidos com o envelhecimento dessas mulheres, tomando como foco a construção de suas aparências.

## Método

A pesquisa tem abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, baseada no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Para tanto, utilizou-se das técnicas de observação livre e participante, conversas informais, entrevistas em profundidade, documentação e registro fotográfico. Foi elaborado um roteiro semiestruturado de investigação composto por quatro blocos de questões sobre a dinâmica da construção da aparência, a fim de orientar a execução das diferentes técnicas. A construção do roteiro foi ancorada em levantamento e prévia revisão narrativa de literatura nos campos da Gerontologia, Moda e Antropologia.

Ao longo de todo o estudo, foi utilizado ainda um caderno de campo. Para garantir o tratamento ético das informações coletadas, foi firmado com todas as participantes um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O mesmo aplicou-se junto às instituições de convivência de idosos parceiras, onde as participantes foram localizadas em ambos os países. O ponto de saturação foi atendido.

Com relação às participantes, estas foram: 1) nove mulheres brasileiras; e 11 espanholas, de 80 anos ou mais de idade; 2) moradoras a maior parte da vida, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Madrid; 3) participantes da vida comunitária; 4) donas de casa na velhice; 5) com renda familiar de até três salários mínimos, no caso do Brasil, e dois, na Espanha; 6) de baixa escolaridade, o que equivaleria ao ensino fundamental no Brasil e à educação primária na Espanha; e 7) sem comprometimento cognitivo, conforme critério das instituições parceiras. O conjunto das variáveis estabelecidas teve em vista dar um contorno compatível a ambos os grupos investigados, possibilitando realizar uma comparação transcultural mais genuína.

No Brasil, para o contato com as participantes, contou-se com o apoio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) e do Núcleo de Convivência para Idosos

Projeto Samuel Rangel. Na Espanha, teve-se a colaboração da Universidade Complutense de Madrid, da *Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS)*, do *Centro de Mayores Los Cármenes* e da *ONG Solidarios para el Desarrollo*. Destaca-se que a coleta e o tratamento de dados na Espanha contaram com uma das autoras, que é fluente na língua nativa. Assim, os trechos literais a seguir são traduções livres. Por fim, são apresentadas ilustrações das diversas cenas envolvendo as idosas, procurando, assim, ressaltar a importância simbólica das aparências ao longo do envelhecimento.

### **A construção da aparência: processo, envolvidos e significados**

Inicialmente, o foco deste estudo estava na investigação da aparência apenas na velhice. Porém, ao tratar sobre a composição da apresentação pessoal nesse momento da vida, foi inevitável e imprescindível a todas as participantes mencionarem eventos passados, retomando seu processo de envelhecimento como forma de explicar a construção de suas aparências. Essa demanda espontânea já demonstrava com clareza que a aparência é fruto de dinâmicas, ações, oportunidades ou restrições sociais, experiências e escolhas realizadas ao longo da vida (Yokomizo, & Lopes, 2019). Constatou-se, então, que a construção da aparência constitui um processo dinâmico e singular, que segue ativo inclusive em idades mais avançadas e em acordo com fatores como espaços, papéis, valores, relações sociais, transformações físicas, condições financeiras, estados emocionais, personalidade, entre outros determinantes.

Ao estruturar tal enredo, foi percebido com as participantes de ambos os países que os ensinamentos sobre a aparência advindos especialmente da família e também dos amigos estiveram muito relacionados à concepção de suas estratégias, significados, rituais e cuidados diários. Nesse sentido, de modo geral, também foi possível notar significativo impacto das memórias do tempo de infância, muitas vezes retomado para justificar a maneira como realizavam escolhas e ancoravam os valores que tratavam de sua aparência até então. Para brasileiras e espanholas, a educação recebida em casa era considerada primordial, pois, como dito por uma das participantes, “*tudo que você aprender de bom na família, você vai levar para a vida inteira*”, inclusive “*no modo de se vestir, no modo de viver, modo de se tratar*”.

Friedman (1990) diria que, para entender estratégias culturais e locais, no caso de vestir e se comportar, é necessário levar em conta de onde elas emergem historicamente.

Dessa forma, valendo-se ainda da espécie de linha do tempo constituída pelas próprias participantes ao longo da pesquisa, a seguir descreve-se a construção de suas aparências a partir da infância até a velhice. Essa estrutura narrativa, que iguala ambos os grupos, não invalida, ao longo do texto, a importância das diferenças observadas. O intuito da análise teórica é elucidar a noção de envelhecimento como processo heterogêneo (Debert, 2004) e de interdependência como um conjunto denso de relações (Elias, 1994), percebidos a partir dos discursos das participantes frente à narrativa de suas complexas práticas cotidianas vivenciadas ao longo do tempo.

### **Infância: berço da aparência**

Durante a investigação de toda a trajetória das participantes, a família se mostrou influente em diversos momentos e diferentes aspectos. Porém, considerando que eram mais dependentes, foi na infância que os familiares tiveram maior poder sobre suas decisões para compor a aparência – influência que se perpetuou no tempo.

Nos primeiros anos de vida, dentre variados temas, seus parentes – principalmente pais, tios e avós – procuravam ensinar-lhes sobre aspectos morais e de gênero considerados apropriados, inclusive ao modo de se vestir e comportar. Observou-se ainda que, dadas suas condições financeiras e escolaridade precárias, os pais e demais parentes procuravam suprir essas carências e manter a dignidade familiar por meio da aparência e do que era considerado trabalho duro, aspectos portadores de suas tradições e valores. Esses eram guiados com frequência por princípios religiosos, em geral católicos, como a humildade e a pureza.

Em ambos os grupos, prezava-se sobretudo pela concepção de decência, que, em termos de aparência, estava relacionada a esconder ou não expor muito o corpo. Ou seja, não usar roupas muito decotadas, justas e curtas que fizessem ver seios, costas e coxas. Em outras palavras, o vestuário visto como vulgar e próprio de mulheres mal-faladas, sem vergonhas ou prostitutas, figuras abominadas pelos familiares.

Além disso, havia também uma valorização do conceito de naturalidade na aparência, entendendo-se que não era bonito ou elegante modificar os traços físicos originais – o que se relaciona também à ideia de pureza e inocência – principalmente por meio de maquiagem. Esta, se utilizada, deveria ser bastante dosada para não parecer “*ridícula feito uma palhaça*”, noção elucidada por várias brasileiras e espanholas. Nesses

termos, a Ilustração 1 procura sintetizar tal ideia ao simbolizar a instrução de gênero, vinculada ao que era entendido como natural e que deveria se manter intacto na construção do feminino ao longo da vida.

Ilustração 1. Ser natural



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Assim, ainda na infância, uma outra questão recorrente foi a de usar roupas consideradas próprias para meninas, bem como comportar-se como tal. Em outras palavras, deviam vestir-se com saias e vestidos, peças vistas como femininas, com comprimentos dos joelhos para baixo. Além disso, tinham que sentar de pernas fechadas, realizar movimentos com delicadeza e, principalmente, estarem sempre limpas (Figura 1). Como o dito ensinado por mães de algumas das espanholas, higiene relacionava-se com senso de beleza e disciplina: *“não é mais limpa a que mais limpa, senão a que menos suja”*. Uma outra participante da Espanha completou ainda: *“a limpeza acima de tudo. Mesmo que você não se pinte, que se lave. Que tenha a roupa limpa”*.

Figura 1. Posturas consideradas de meninas, em foto de uma participante brasileira



Fonte: Arquivo pessoal de uma participante

Tais concepções de feminilidade, decência e naturalidade na aparência seguiram vivas entre as participantes até a velhice. Percebeu-se que as vestimentas funcionavam, no caso, como indicadores de quão significativo é o passado no presente (Schemes, Duarte, & Magalhães, 2015). As investigadas vinham procurando apresentar, através de elementos que compõem a aparência, memórias que edificavam seu caráter e forma de estar nas relações de que faziam parte, delineados desde à infância.

Quanto às roupas, brasileiras e espanholas relataram que, quando crianças, uma peça ainda não bem-vista para meninas era a calça. Segundo os pais, um traje exclusivamente masculino. Uma exceção para o uso da calça ocorria no caso das que trabalhavam em zonas rurais e somente no exercício da função era permitido que as vestissem para não serem picadas por insetos. Portanto, aparentemente, uma questão de segurança, não de gênero.

Como visto em diversos registros históricos sobre o vestuário e a aparência (Crane, 2006; Blackman, 2011; Araújo, & Leoratto, 2013; Carstairs, 2014; Brown, & Knight, 2015; Campos, 2015) e mesmo observando a gama de roupas e produtos de beleza atuais oferecidos por variadas marcas, o gênero, ao longo de anos, tem sido um organizador das vestimentas e também da aparência como um todo. Mais do que para delimitar cortes ou tipos de costura, ele vem a servir como um critério de adequação e aceitação. No caso, de vestes, penteados, cosméticos, acessórios, comportamentos e cuidados da aparência para *performance* social e consumo.

Aliado ao gênero, observou-se que outra variável sociocultural relevante no campo investigado era o poder da tradição geracional. Na época da infância, em geral, os familiares de brasileiras e espanholas demonstravam resistência às propostas de aparência que envolviam o uso de calça, também o excesso de maquiagem e a exposição do corpo,

porque estes estavam fora dos padrões morais e de gênero ensinados e cultivados por anos entre as diferentes gerações.

Tal fato dialoga com o estudo de Elias e Scotson (2000) sobre o estabelecimento e fortalecimento de determinado grupo social por meio do cultivo de tradições. A polêmica em torno da calça para meninas é um exemplo que revela a dificuldade de introduzir mudanças e estabelecer acordos sobre a aparência em um cenário de distintas gerações. Desafios que são fruto, em parte, da educação recebida em casa e que deveria ser reproduzida.

A educação provida pela família nos primeiros anos de vida também teve forte relação com o local de sua origem. A maior parte das entrevistadas foi nascida e criada em cidades pequenas de caráter rural. Ou, no caso da Espanha, nos chamados *pueblos*, denominação dada a regiões que se encontram nos arredores das capitais e que, em geral, são mais humildes, menos povoadas e estão distantes da chamada cultura cosmopolita. Nesses locais, brasileiras e espanholas concordaram que, como a população costuma ser menor, fica mais fácil observar e marcar os moradores pela aparência, de forma que é necessário cuidado especial para não virar alvo de fofocas e rotulações difíceis de serem esquecidas, parte da preocupação que seus pais tinham. A aparência torna-se, nas pequenas localidades, ainda mais fortemente um marcador da diferença e ordenação social (Crane, 2006; Simmel, 2014).

A questão dos modos e preferências de vestir relacionados ao local de origem também foram observados por Galak, Gray, Elbert e Strohmingner (2016), que consideram que o entorno e o *status* de determinado local influenciam a construção da aparência. Essa ideia alude ao descrito por Goffman (1985), sobre construir o aspecto pessoal e a *performance* social em acordo com o cotidiano que se vivencia. Notou-se que, mesmo que um dos critérios de seleção das participantes fosse ter vivido a maior parte da vida em uma grande capital, as origens infantis no ambiente rural se sobressaíram em relação a outras influências existentes, no caso das que advêm das cidades interioranas e *pueblos*.

Nesse contexto, desde cedo, as participantes aprenderam com seus familiares que, ainda que não se tivessem muito, o importante era vestir-se bem com o que se tinha: ir decente, limpa, bem-passada, sem roturas e penteada. O vestir parecia mais moral do que propriamente material. Em acréscimo, uma participante espanhola contou o que aprendeu com sua mãe em relação ao custo-benefício na compra de sapatos: *“minha mãe me ensinou sobre o calçado que, se você não podia ter mais que um par de sapatos, que*

*fossem bons [...] Esse foi o conselho que minha mãe me disse, ‘se você não pode comprar’”.*

Dessa forma, entre as investigadas permaneceu até a velhice a lógica de investir o pouco que se tem em produtos com melhor qualidade, geralmente mais caros, mesmo se tratando de um perfil de baixa renda. Elas afirmaram que comprar roupas, calçados, cosméticos e outros que sejam confeccionados com bons materiais compensa o gasto, uma vez que tendem a durar mais, ser mais cômodos e/ou satisfazer melhor suas necessidades. De acordo com brasileiras e espanholas, como popularmente conhecido, “o barato sai caro”.

### **Juventude: moda *versus* tradição na aparência**

Painel 1. Algumas das participantes de ambos os países durante a juventude



Fonte: Arquivo pessoal das participantes

Durante a juventude (Painel 1), os pais ainda eram os provedores, o que mantinha seu significativo poder sobre as decisões das participantes. Estas, porém, quando jovens, despertaram certo senso crítico, opinião e aspirações. Assim, vinham tentando conquistar alguma autonomia na elaboração de suas aparências. A exemplo, uma participante espanhola contou sobre um dia em que comprava roupas com o pai e procurava se impor a ele – segundo ela, muito “*mandão e dominante*” – para usar um traje que estava na moda:

*“Um dia, não me lembro se era um terninho que eu queria. Antes se usava muito o terninho. Sabe o que é? Saia e blazer. Pois fomos*

(participante e seus pais) à loja que era de um amigo conhecido. E nada. Eu não gostava de nada que ele tinha. E meu pai: “pois isto não está mal”. E minha mãe não opinava muito. E digo: “não se incomode, porque não vou vestir isso. Porque eu não gosto e não”. E não compramos.

Foi na adolescência que, de acordo com as participantes, elas começaram a sentir-se vaidosas e estiveram mais interessadas e envolvidas com a moda. Para elas, a moda tratava-se da oferta mais atual de roupas, acessórios e cosméticos, além de atitudes e comportamentos, introduzidos nas sociedades principalmente via artistas, pessoas de maior poder aquisitivo e meios de comunicação. A moda seria ainda, como expressado por muitas, “o que todo mundo está usando”.

No tempo da juventude, para as participantes, estar na moda era mais do que seguir uma tendência local ou internacional: era a concretização do desejo de parecer com as outras meninas de seu entorno e participar de um grupo através de um estilo. Em outras palavras, naquela época era importante usar a roupa ou penteado do momento para ter amigas, participar de espaços e eventos, receber convites, ser notada e não destoar entre os demais jovens (Ilustração 2). Assim, uma justificativa comum quando explicavam fotografias da adolescência foi “usava porque era moda”.

Ilustração 2. Na moda com as amigas



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Nesse sentido, percebeu-se o descrito por Scalco e Pinheiro-Machado (2010), as quais apontam que o estar na moda, especialmente para as classes menos favorecidas, é uma passagem da exclusão para a inclusão social. Segundo as autoras, ter a peça considerada da moda vem a indicar o pertencimento a uma rede de relacionamentos e significados. Por essa razão, mesmo com recursos escassos, muitas das participantes aproveitavam de habilidades com costura para confeccionar os modelos populares da estação e, assim, consegui-los por menor preço.

Para saber que modelos eram estes, observavam o que se vestia nas ruas, o *look* e porte das atrizes, cantoras, rainhas e princesas. A observação permaneceu, até a velhice, como um dos principais métodos das participantes para estar a par do que consideravam moda atual. Além disso, seu filtro de interesses era guiado pela idade, de forma que, em geral, buscavam inspirações em pessoas da mesma faixa etária – o que aponta desde cedo uma adequação da aparência, segundo o critério etário.

Em registros históricos do século XX consultados na revisão teórica (Crane, 2006; Blackman, 2011), notou-se uma prevalente presença do marcador etário como base para construção da aparência, principalmente na segunda metade do período. De acordo com Debert (2004), durante o século XX, em especial nas duas últimas décadas, notava-se uma preocupação maior das pessoas com a idade cronológica. Essa, passou a ser utilizada na organização social e jurídica de diferentes sociedades, prescrevendo comportamentos, direitos e deveres específicos a diferentes faixas etárias.

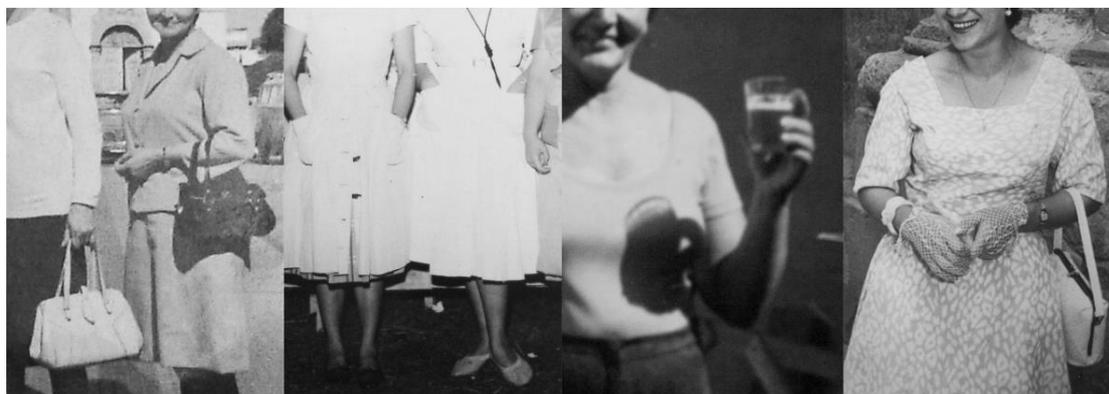
Sobre a escolha de referenciais de moda, notou-se ainda que as investigadas tendiam a selecioná-los, além da idade, pelo gênero e estilo de vestir. Ou seja, seus ícones de moda costumavam ser mulheres que tinham características físicas semelhantes às suas e se vestiam de uma maneira que lhes parecia agradável e interessante. Nem sempre eram famosas, se tratando muitas vezes da própria mãe, uma irmã, prima, vizinha ou amiga. No entanto, não somente os pais, a moda e diversas mulheres que estavam a seu redor influenciaram a construção da aparência das participantes durante a juventude. Também eram considerados os rapazes, paqueras e possíveis pretendentes, para os quais elas se arrumavam visando a obter atenção e elogios.

Em síntese, a aparência vinha sendo cada vez mais entendida como meio e estratégia de envolvimento social, para além do domínio familiar. Seus alvos relacionais principais já não eram parentes e seus conhecidos, mas especialmente colegas da mesma idade e pretendentes amorosos. Caso se compare com sua infância, fazem ver que tinham,

agora jovens, um maior senso crítico e poder sobre o que vestiam, vindo a se tornar mais fortes em termos de escolhas quando saíram da casa de seus pais, em geral, para casar e constituir o que entendiam como suas próprias famílias.

### **Vida adulta: aparência entre a casa e o trabalho**

Painel 2. Fotos de brasileiras e espanholas na vida adulta



Fonte: Arquivo pessoal das participantes

A saída da casa dos pais e a mudança para outra cidade, no caso das que não nasceram em São Paulo ou Madrid, foram eventos que marcaram o início de uma vida mais independente para as participantes. Nesse período, frequentavam eventos noturnos, viajavam, às vezes desacompanhadas no caso das solteiras, e bebiam cerveja ou outros alcóolicos, como apresenta o Painel 2. Estando em território próprio, construído ao lado do marido ou sozinha, romperam com restrições que consideravam que não faziam mais sentido a elas, perante a mudança cultural. Uma das principais, sem dúvida, foi relativa à proibição do uso de calça comprida.

No dia a dia agitado das grandes cidades, em que se tinha que circular em transporte público cheio, subir e descer muitas escadas, carregar bolsa e sacolas, enfim, movimentar-se continuamente, o uso da calça passou a fazer muito sentido. E não em termos apenas estéticos, mas também visando à inclusão e funcionalidade diante dos novos papéis e espaços sociais que as entrevistadas passaram a ocupar. De acordo com elas, tendo em vista a rotina como mãe ou de trabalho, no caso das que estiveram envolvidas com algum ofício – ou, ainda, as duas coisas ao mesmo tempo – tornou-se importante dispor de conforto e praticidade na aparência.

Porém, por trás de uma suposta obrigação fomentada pela loucura dos centros urbanos, havia também certo gosto e prazer em poder vestir uma calça – coisa que muitas queriam fazer desde a infância. Uma das participantes brasileiras elucidou sobre a transição dos padrões de aparência da infância, guiados pela moral religiosa, para a adaptação à vida adulta na cidade grande, esta orientada pela moda e funcionalidade:

*“Antigamente era proibido, a gente não podia entrar na igreja de calça comprida, sabe? Eu sou daquele tempo, eu sou antiga. Tem muita coisa que antigamente a gente não fazia. Depois que, assim, deixou a calça comprida para mulher à vontade, eu nunca mais usei saia.”*

No decorrer da vida adulta, por outro lado, as participantes dos dois países não se distanciaram da ideia de decência e naturalidade aprendida com a família na infância. Observavam em seu entorno o que a maioria estava vestindo, o que gerou aceitação por detalhes como cores, estampas e modelagens. Porém, não deixaram de lado a essência de seu caráter construído, principalmente, com os pais.

Além de observar o que as pessoas utilizavam pelas ruas, brasileiras e espanholas continuavam atentas ao que era usado por irmãs, cunhadas, amigas e companheiras de trabalho, ainda mais quando eram de idade próxima a delas. Com essas mulheres que lhes serviam de referência e inspiração, trocavam também roupas, sapatos, dicas e opiniões.

A partir de tal repertório, as investigadas seguiam moldando seu estilo de compor a aparência, sem deixar de ter certo senso crítico. Ainda que na vida adulta estivessem interessadas pelo que era moda ou recebessem críticas de algum parente, procuravam filtrar de toda a informação aquilo que lhes agradava e parecia coerente com seus princípios e possibilidades de manter-se engajada.

No caso das que estiveram no mundo do trabalho, este meio exerceu também significativa influência na construção de suas aparências. Dentre as profissões, uma parte esteve trabalhando em escritórios de empresas públicas e privadas. Outra, em confecções e indústria têxtil. E algumas, em negócios familiares ao lado do marido. Qual fosse a profissão, a atenção na construção da aparência era entendida como muito importante para estar envolvida no meio profissional. Uma das participantes brasileiras comentou sobre os investimentos regulares que fazia nesse sentido:

*“Quando trabalhava, acho que devido à profissão – eu era secretária lá, encarregada do departamento de crédito e cobrança, né? Então, eu tinha que ir no cabeleireiro, mas eu nunca liguei muito para cabelo, não. Mas na época que eu trabalhava, sim. Todo o ano eu fazia um guarda-roupa novo. Ia no cabeleireiro toda a semana. É, toda semana ia ao cabeleireiro, né? É, é (um investimento). Porque eu tinha que me apresentar bem lá, na firma que eu trabalhava. Eu lidava muito com os representantes da firma, os vendedores. Eu tinha ligação direta com a diretoria. Então, eu tinha que representar bem. Não, não (lhe cobravam por isso). Não cobravam não. Isso era uma coisa que eu achava que devia ser assim.”*

Durante a vida profissional, notou-se que a aparência esteve relacionada à obtenção de respeito e reconhecimento de colegas de trabalho e superiores, como apontado por diferentes autores (Crane, 2006; Cavico, Muffler, & Mujtaba, 2013; Karl, Hall, & Peluchette, 2013; 2016), bem como à manutenção do próprio emprego. O trabalho e a moda foram, assim, motivos para mudanças e investimentos na aparência ao longo da vida adulta. No caso especial das que trabalharam em confecções de vestuário, também cresceu um apurado senso estético e minúcia ao modo de vestir.

As participantes que atuavam em confecções trabalharam sob uma supervisão bastante detalhista. Por essa razão, então na velhice, afirmaram ser muito observadoras no que tange à roupa, tratando com muito carinho e apreço cada peça que possuíam. Uma parte delas, inclusive, seguia produzindo e ajustando o próprio vestuário. O armário pessoal vem a ser tratado como um bem material simbolicamente relevante (Crane, 2006).

Muitas das roupas que as participantes costureiras usavam eram feitas com materiais e moldes ganhados no trabalho. Este era um presente que lhes poupava custos e, ainda, garantia que estariam na moda ao usar tecidos e cortes da estação utilizados nas coleções elaboradas pelas empresas onde atuavam. Assim, quando adultas, o trabalho na confecção foi um meio para se manterem arrumadas e engajadas, usando trajés correntes e com poucos recursos.

As participantes costureiras, no entanto, não eram meras ouvintes nas lições de corte e confecção que tiveram com seus superiores. Também trocavam experiências sobre o vestuário e ideias de como estabelecer combinações, inclusive de lingerie, como relatou uma das espanholas:

“Quando eu estava com minhas companheiras (de trabalho), já tirando o uniforme, dizia a elas: “como podem ser assim”? E me diziam: “o que foi agora? Vamos ver, aponte nossos defeitos”. “É que não se pode levar uma calcinha rosa e um sutiã preto! Isso, quando vocês tiram a roupa e seus maridos as vêem assim, devem perder a vontade de tudo”.

No caso das participantes casadas, os maridos, de fato, eram figuras relevantes à aparência, a exemplo dos pais e parentes próximos na infância. Mesmo que muitas tenham dito que viviam em sociedades machistas, em que os homens eram privilegiados em variados aspectos e muito controladores, afirmaram que, no que tangia a seu visual, os cônjuges não impunham opiniões. No limite, faziam sugestões ou comentários sobre pintar cabelos brancos, vestir roupas que achavam bonitas, comprar itens novos de vez em quando, ir ao salão de beleza ou, como dito pelo marido de uma das espanholas em relação ao uso de maquiagem: *“por que você não se ilumina um pouquinho”*? De modo geral, os maridos gostavam de ver que suas esposas se preocupavam com a aparência e ter uma mulher bem-arrumada era motivo de orgulho – porque também refletia um suposto bom casamento, merecedor de respeito.

Em uma outra esfera, percebeu-se que as solteiras durante toda a vida, mesmo com alguns namorados no meio de suas trajetórias, quando adultas tinham suas aparências mais centradas no mundo do trabalho. Uma dessas participantes, então aposentada, contou que na velhice já não se maquia regularmente, só de vez em quando, em uma data especial. A respeito das senhoras que seguiam se maquiando, ela disse:

*“Olha, quando se completam alguns anos e já se nota que você é velho, passar (maquiagem) – bom, tem gente para tudo – mas tem mulheres que parecem máscaras. Esse é o meu conceito. Claro que têm muitas mulheres que o fazem porque seus maridos gostam que estejam muito pintadas. Porque, claro, têm muitos motivos, eu acho.”*

A construção da aparência das participantes na vida adulta, no entanto, não esteve somente relacionada ao trabalho e casamento. As transformações físicas surgidas nessa fase, como as primeiras linhas de expressão e ganho de peso depois de gestações, também influenciaram o modo como geriam sua apresentação social. Foi nessa fase que

começaram a ver mais defeitos em si mesmas e, assim, queriam esconder braços flácidos, pernas com varizes, barriga protuberante, seios menos firmes depois de tanto amamentar, os primórdios dos cabelos brancos etc. Essas, características vistas como sinais de decadência e de pouco *status* social.

Uma participante espanhola que teve nove filhos contou como foi difícil compor um guarda-roupa enquanto esteve em gestação. Estava sempre alternando peso e medidas, precisando trocar constantemente de roupas. A sorte, segundo ela, era o marido que trabalhava em uma grande loja de departamentos e podia comprar vestuário para toda a família com bom desconto.

Outra questão da vida como mãe é que os filhos passaram a ser a prioridade nas finanças dos casais, de modo que o investimento na aparência teve que ser reduzido e colocado em um segundo plano. Ainda assim, todas as mães afirmaram que procuravam fazer o melhor que podiam por seu visual, o que, segundo elas, era importante para dar bom exemplo aos filhos e passar boa imagem de sua família – lógica infantil que se repetia.

Dessa forma, entre a influência do trabalho, das amigas, das ruas, da moda, do marido e dos filhos, as investigadas de modo geral procuravam cuidar de suas aparências, experimentar novos modelos e atualizar-se, quando parecia necessário. Porém, sem perder os significados da decência, naturalidade e feminilidade cultivados desde a infância – até porque eram qualidades continuamente cultivadas no trabalho, no casamento e no exercício do papel de mãe.

Ilustração 3. *Look versátil*



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Dessa forma, procuravam estabelecer visuais versáteis, que pudessem se adaptar a todos os seus papéis e rotinas como mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora, conforme elucidado na Ilustração 3. Posteriormente, com a morte ou separação do marido, a saída dos filhos de casa e o fim da vida profissional, o senso de liberdade passou a ser maior.

### **Velhice: aparência como reflexo dos diferentes modos de envelhecer**

Com a sensação de dever cumprido após o fim do casamento, a saída dos filhos de casa e o término da vida laboral, a maior parte das participantes afirmou que foi na velhice (Painel 3) que tiveram mais tempo e recursos para olhar e investir nelas mesmas, como apontado também pela pesquisa de Rodrigues e Justo (2009). Muitas comentaram a alegria de, então, poder tomar decisões financeiras e administrar seu dinheiro, ainda que pouco, sozinhas e sem grandes preocupações. O fato de ter conseguido adquirir uma casa própria, conquista da maioria, também favoreceu a reserva de suas economias para outros gastos e gostos. Assim, seguiam podendo realizar investimentos em suas aparências, pelas quais mantinham expressivo interesse.

Painel 3. Fotos de algumas das participantes na velhice



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Depois de passadas muitas décadas, com o aprendizado da infância sobre o valor de adquirir e cuidar de produtos de qualidade, chegaram à velhice com um amplo acervo de roupas, sapatos, bolsas, lenços, joias e bijuterias, entre outros itens de longa validade, alguns com mais de dez anos. As participantes contaram, no entanto, que ao longo da vida foram introduzindo e descartando peças por alguma necessidade. Por exemplo, uma mudança de tamanho ou por desgaste do material já muito usado; por não se identificar mais com certo estilo de vestir; pelo que estavam vivendo e pelas pessoas com as quais estiveram relacionadas.

Assim, foram afinando o senso em torno do próprio gosto pessoal e do que realmente valia a pena em termos de aparência, tendo concluído que o estilo clássico proporciona maior custo-benefício, uma vez que permanece atual e adequado para diversas ocasiões. Isso fez com que desenvolvessem uma espécie de padrão em sua apresentação, dentro da capacidade aprendida ao longo da vida de negociação de recursos disponíveis, como comentou uma das brasileiras:

*“Meu tipo de roupa é sempre o mesmo, né? Muda cor, estampa, mas o modelo é o que adaptei em mim. É, eu me adaptei a esse modelo. Então, eu me sinto bem. Como é fácil, então, não tem problema. E eu gosto de estar bem arrumadinha.”*

Os modelos de aparência das participantes na velhice consideravam também as diversas transformações físicas que procuravam administrar: manchas na pele, flacidez, problemas na coluna, varizes, alergias, perda ou ganho de peso e alterações na visão foram os mais citados. Dessa forma, estabeleceram visuais com braços mais cobertos, pele protegida por protetor solar – algumas ainda usam chapéus, calças e mangas compridas para isso. Sapatos que não provoquem dor nas costas, pernas ou quedas. Cosméticos sem cheiro forte e maquiagem leve. Nada muito justo no corpo e dieta balanceada.

Segundo as participantes, esses cuidados e escolhas seriam a definição de uma idosa adequada, que não nega a idade e se cuida, lidando com suas transformações físicas de maneira decente e sábia. Assim, elas não procuravam frear o envelhecimento ou rejuvenescer, mas, sim, compensar as perdas percebidas principalmente em seus corpos com o que entendem como boas estratégias de vestir (Schemes, Duarte, & Magalhães, 2015).

Com essa concepção de aparência, tentavam ainda fugir dos estereótipos comuns estabelecidos por elas mesmas: o de “*velha*”, adjetivo utilizado em sentido pejorativo; e o de “*assanhada*”, como intitulado por uma das brasileiras.

A qualidade de assanhada, para as participantes, é inapropriada em qualquer idade. Esse modelo é definido por elas, em termos de aparência, como uma mulher que mostra demais: exhibe as pernas, ainda que com manchas ou varizes; usa decotes pronunciados na frente e nas costas; pendura colares e brincos exageradamente grandes; deixa as unhas muito compridas e com esmaltes pouco convencionais; calça saltos bastante altos e que fazem barulho; marca ou deixa ver a barriga; passa maquiagem e perfume fortes; senta sem postura e de pernas abertas; tenta seduzir diferentes homens; e se em idade mais avançada, tenta se comportar como moça. Nas palavras de uma das brasileiras, “*muito chegada*”.

Assim, em ambos os grupos, observou-se que o uso adjetivo da palavra velho não está relacionado necessariamente a um critério ou preconceito etário, mas, sim, a atitudes e comportamentos na forma de apresentar-se socialmente. O termo, no contexto da aparência, era empregado pelas participantes para nominar um conjunto de características que significavam desleixo em qualquer idade, segundo elas: roupa suja ou desgastada; cabelo despenteado; cara triste ou fechada; rabugice; e, falta de higiene com o corpo. Denominava, ainda, pessoas vistas como decadentes, despreocupadas e desleixadas com a aparência ou distantes dos modelos de terceira idade então vigentes, percebidos como mais favoráveis. Conforme anunciado por uma das participantes em relação a seu estilo: “*eu sou idosa, não sou velha*”.

A definição de idoso, nesse caso, se aproxima do conceito de terceira idade, que vem a significar um modo mais positivo de envelhecer, focado nos ganhos da velhice principalmente para fins mercadológicos, tal como descrito por Debert (2010). No cenário investigado, no que diz respeito à aparência, ser idosa significava superioridade, maior refinamento ou adequação em termos de como apresentar-se bem na velhice, enquanto velha denominava um conjunto de características entendido como *outsider* (Elias, & Scotson, 2000), negativo ou indigno.

No entanto, em muitos momentos da pesquisa, as investigadas mencionaram outros significados para a palavra velho, a depender das intenções e vantagens sociais. Outros sentidos acionados eram o de sabedoria e experiência, quando o foco era a noção de idade cronológica. Dessa forma, quando falavam de si mesmas ou de alguns outros

conhecidos de idade semelhante, o termo estava relacionado a seus muitos anos ou larga experiência de vida, sendo visto como algo positivo.

Para construir suas aparências e negociar com essas noções conflitantes em termos de identidade, as investigadas recorriam a seus princípios familiares e às amigas da mesma idade, em geral dos núcleos de convivência ou da igreja que frequentavam, além de irmãs e algumas poucas celebridades de sua geração. Uma das brasileiras revelou, de fato, já ter feito um corte de cabelo da atriz Suzana Vieira, enquanto uma das espanholas achava que o creme Pond's era bom porque a celebridade Carmen Sevilla disse que usava.

Para Langevin (1998), as conotações negativas ou positivas sobre a velhice são passíveis de modificação e expressam relações sociais, valores e crenças que dominam determinada sociedade. A autora considera que as imagens de declínio e decrepitude do fim do curso de vida estavam fortemente presentes nas mentalidades de diferentes culturas do final do século XX. Nesse período, segundo Cohen (1998), diversas produções científicas utilizavam um tom apocalíptico ao tratar sobre o envelhecimento. Tais desafios parecem ainda ter espaço no seio social, impedindo a complexidade das abordagens e dificultando a noção dos mais velhos sobre si mesmos.

No que tange à escolha de referenciais – sejam esses uma amiga, parente ou famosa – mais uma vez, esta manteve-se ancorada no que lhes é mais familiar e parece mais seguro. Ou seja, na moral, na identidade de gênero e na adequação etária, mais do que exatamente na escolaridade ou renda. Em outras palavras, as participantes não buscavam inspiração em pessoas para elas indecentes, homens ou outra identidade de gênero, nem em pessoas muito mais jovens.

Nesse sentido, observou-se que não procuravam aparentar, inclusive, ter menos anos de idade. No entanto, tentavam resistir para não deixar transparecer certo orgulho quando alguém dizia que não pareciam ter a idade que tinham, abordagem vista como um elogio e atribuição de *status*. As participantes entendiam que ser percebida como mais nova significava, na verdade, a demonstração de alegria, saúde, cuidado pessoal, vontade de viver, entre outros fatores socialmente vistos e atribuídos como exclusivos apenas da juventude. Para Marcelja (2012), um passaporte intergeracional, segundo o qual parecer mais jovem significava aceitação e correspondência às expectativas e demandas relacionais nos dois grupos investigados.

Uma outra questão que influenciou a construção da aparência das investigadas na velhice foi a das mudanças realizadas nas modelagens de algumas peças de vestuário.

Com o passar dos anos e a transformação de seus corpos, em parte também pelo conceito de decência, deixaram de usar peças que não lhes conferia o aspecto desejado. Por exemplo, a calça *jeans*, que uma das participantes disse que vinha sendo confeccionada com cinturas cada vez mais baixas e pernas muito ajustadas.

Nesse sentido, também tiveram que buscar alternativas para substituir produtos que saíram de linha. Na maior parte das vezes eram citados cosméticos que foram extintos, como colônias que não encontraram mais ou absorventes usados para conter a incontinência urinária e que tiveram seu material trocado, causando então alergias. Quando precisaram de conselhos para encontrar substitutos, recorreram mais uma vez a irmãs e amigas, além de profissionais como cabeleireiros e manicures. Como exemplo, uma das participantes brasileiras disse que passou a usar o creme Rugol porque sua cabeleireira recomendou, dizendo ser muito melhor para a pele do rosto que outros da marca Avon, bastante conhecida no contexto brasileiro.

Depois de 80 anos ou mais de vida, as investigadas viram passar diversos produtos voltados para a construção da aparência, que surgiam e desapareciam das prateleiras do mercado com os modismos de cada época. Também tiveram que conviver e adaptar-se às mudanças em termos de códigos e modos de vestimenta, como comentou uma das brasileiras: “antigamente, a gente ia a um teatro, a gente ia de luva, disso, daquilo, meia de seda. Agora não. Agora, se eu estiver assim (jeans, blusa regata e sapatilha) eu vou. Não é? Não é mais como antigamente”.

Segundo as participantes, elas procuravam estar a par das mudanças nos códigos sociais de vestimenta e das novidades do que era considerado moda, mas, sobre esta última, sem consumi-la cegamente. Mencionaram incorporar o que estava de acordo com seus critérios de idade, gênero e moral, além, claro, de seus recursos financeiros. Assim, a maioria afirmou com certo orgulho que não seguia a moda, que outrora definiram como “*o que todo mundo está usando*”.

No entanto, em termos de visual, as participantes eram muito parecidas com boa parte das mulheres de sua idade e meio de convívio, tal como vinham tentando ser. Semelhanças de estilos, formatos e materiais de variadas peças utilizadas pelas investigadas, tanto brasileiras como espanholas, podem ser observadas nos Painéis de 4 a 6. Muitas das peças lembram os significados da aparência aprendidos e reproduzidos desde cedo, como recato, simplicidade, discrição e feminilidade. Apesar das inúmeras outras diferenças constituintes do processo de envelhecimento de cada uma delas, quando

controladas ao menos variáveis como renda, escolaridade e idade, observam-se pontos em comum que prevaleceram no âmbito da construção da aparência. Especialmente, visando ao contínuo reconhecimento e engajamento social até o momento da velhice, a despeito do relatado aumento do senso de autonomia e sabedoria.

Painel 4. Brincos de idosas do Brasil e da Espanha



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Painel 5. Sapatos de idosas do Brasil e da Espanha



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Painel 6. Bolsas de participantes brasileiras e espanhola



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

O estudo de Schemes, Duarte e Magalhães (2015), comparando perfis socioeconômicos diferentes, deparou-se com idosas que tinham aparência muito semelhante e também afirmavam não seguir a moda. Por outro lado, apesar de usar roupas parecidas, os significados diferiam dependendo da pessoa e do contexto social em que esta se inseria, de forma que as variadas vivências do cotidiano vieram a influenciar e diferenciar a significação do aspecto pessoal.

Entre as brasileiras e espanholas investigadas, mesmo afirmando não seguir a moda ou o que todos estão usando, as participantes disseram observar as senhoras de igual faixa etária ou próxima. Notou-se que a observação do que mulheres da mesma idade usavam, por vezes, as influenciou a adquirir novas peças, antes não cogitadas para seus acervos. Como contou uma das brasileiras, foi depois de ver uma amiga do núcleo de convivência que frequentava usar uma blusa vermelha – cor que disse não ter aprendido a combinar – que passou a enxergar a possibilidade de incorporar o que deixava a amiga “*tão bonita*”. Mais uma vez, os modos de compor a aparência eram fundamentados em características geracionais e etárias.

Na Espanha, diferentemente do contexto brasileiro, algumas senhoras disseram ver também desfiles de moda na TV. Para elas, às vezes há *looks* bonitos e boas ideias de combinações. Porém, de vez em quando é difícil entender propostas menos convencionais. Uma das espanholas disse articular possibilidades de compor a aparência a partir do que via em desfiles: “*se eu vejo um desfile, minha imaginação me diz: ‘se eu estivesse em uma situação, eu pegaria o terno dessa senhora e a saia da outra e faria uma composição’*. *Sim, observo bastante, sim. E sou muito crítica*”.

Mesmo de baixa renda e imaginando-se que não potencialmente relacionadas a outros universos de classe, notou-se ainda que as investigadas da Espanha apresentavam conhecimento sobre marcas e *designers* renomados, especialmente os nacionais como Ágatha Ruiz de la Prada e Balenciaga, e também outros europeus. Uma delas demonstrou apreço e orgulho em exibir produtos da marca espanhola Tous, que foram ganhados de familiares:

*“[...] e me disse a enfermeira: ‘tudo o que você usa é da Tous’. Olha, você vê? Tenho isso da Tous, uso a bolsa. Este não, é de outra marca. E diz: ‘você tem a bolsa da Tous, a pulseira da Tous’, diz a enfermeira quando me vê. Diz: ‘você usa tudo da Tous’. A pulseira, olha, da Tous. Está vendo? Esta é a insígnia. O Tous. É uma joalheria importante.”*

Ademais da TV, amigas, família e profissionais de beleza, as participantes dos dois países, na velhice, passaram a dar especial atenção aos conselhos de saúde dados pelos médicos e outros profissionais da saúde. Procuravam seguir à risca as recomendações dadas por eles em torno da construção da aparência, sendo as principais: evitar o sol para não manchar a pele e cuidar da alimentação, visando AO controle do peso e de enfermidades como a diabetes.

Assim, em razão do dito por dermatologistas, ortopedistas, nutricionistas, geriatras e outros especialistas, se tornaram assíduas no uso de proteção solar, tanto por meio de loções, quanto pelo uso de roupas mais compridas. Eliminaram o salto alto que prejudicava a coluna e provocava quedas. Usavam diariamente acessórios como joelheiras, que eram camufladas com calças ou saias longas. Preocupavam-se com a hidratação da pele, mais sensível com a idade. Optavam por sabonetes e *shampoos* para nenês porque são menos agressivos, entre outros cuidados que iam aprendendo em suas consultas. Apesar de gerar benefícios à saúde, percebeu-se que esse conjunto de ações de autocuidado com a aparência; no entanto, pode vir a provocar o sentimento de negligência frente àqueles que não o exercem por diversas razões.

Essa lógica reforça o proposto por Debert (2004) em relação ao conceito de reprivatização da velhice, ao proporcionar responsabilização exclusiva àqueles que supostamente não querem aprimorar o próprio envelhecimento conforme os modelos de consumo dominantes.

O saber técnico era complementado, nesse sentido, também pela vigência de certo saber popular para o trato da aparência. Eram indicações de plantas, chás, mistura de produtos, alimentos e experimentos variados, que amigas, vizinhos, parentes e conhecidos afirmavam gerar bons resultados no cabelo, pele, pés, unhas, etc. Recomendavam ainda práticas até então inusitadas, mas que afirmaram ser eficazes, como o exemplo compartilhado por uma das brasileiras:

*“Eu não sei onde que eu aprendi, mas eu aprendi com alguém, que aí eu passei a fazer [...]. Eu sempre ponho uns pinguinhos (de perfume) assim. Faz a massagem que penetra no cabelo. Depois a gente fica deitada, a gente sente o perfume.”*

Para continuidade do trato da aparência na velhice, participantes do Brasil e da Espanha, ainda que eventualmente contassem com a ajuda de filhas, netas e profissionais de beleza, vinham optando por cuidados que fossem simples e pudessem ser realizados sozinhas. Por essa razão, disseram que vinham utilizando cortes mais curtos de cabelo e boa parte havia deixado a tintura, assumindo os fios brancos. Assim, evitavam dores no braço ou a perda de habilidade para mexer no penteado. Ou, ainda, as horas no salão de beleza cuidando de longas madeixas e também da vida alheia, de acordo com elas.

Em vista da violência das grandes capitais, reservaram as joias que acumularam ao longo da vida, pelo receio de serem roubadas, de sofrer agressões nas ruas. Demonstraram ainda preocupação em ter algo significativo e valioso para deixar a filhos e netos, como alianças de casamento e colares de pérolas. Dessa forma, decidiram utilizar bijuterias para ter mais segurança no dia a dia e herança, aos parentes queridos. Os elementos constituintes da aparência aparecem como capital intergeracional. A Figura 2 apresenta a diversidade de colares de uma participante brasileira, que disse usar bijuterias na velhice não apenas pela segurança, mas também por sua condição financeira. Dessa forma, as bijuterias ajudavam a variar e atualizar seu acervo com maior frequência, algo de que apreciava.

Figura 2. Colares de uma participante brasileira



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2015

Para que estivessem prontas para suas rotinas, disseram optar por roupas práticas, confortáveis e versáteis – o que não deve ser confundido com desleixo, segundo elas. Brasileiras e espanholas afirmaram que o estar à vontade com suas aparências era importante para desempenhar as atividades diárias, fossem domésticas ou sociais. Assim, para que estivessem também de bem consigo mesmas existia ainda certa preocupação estética, de modo que buscavam estabelecer combinações não apenas confortáveis, mas também entendidas como bonitas e apresentáveis.

Em resumo, como dito por uma delas, era preciso *“não passar do limite, mas ir bonita”*. Roupas, acessórios, maquiagem e demais elementos necessitavam ser minuciosamente orquestrados, como explicou uma das espanholas:

*“Eu sou incapaz, por exemplo, hoje, de me maquiar com uma sombra verde! Porque eu não estou usando nada para passar uma sombra verde. Ainda que meus olhos sejam verdes, eu não estou usando nada. Então, eu hoje estou com azul, mas mais clarinho. Se uso marrom, pinto os olhos com marrom. Então, são coisas que são absurdas para algumas pessoas e alguns diriam: ‘ah, com a idade que temos, não vou passar essas coisas’. Pois eu, sim, as observo. Eu, sim, as observo. Eu gosto muito disso.”*

Além das regras e códigos para construir uma aparência entendida como bonita e harmoniosa, notou-se que as participantes, por vezes, necessitavam administrar expectativas ou cobranças alheias em relação aos modelos adequados de apresentação em determinada idade. Nesse sentido, uma das brasileiras acrescentou:

*“Não saio na rua sem batom e sem um brinco. Tenho vários brincos. Tenho uma bolsinha cheia de batom, mas eu sempre uso a mesma cor. Difícil eu mudar a cor do batom, muito difícil. E brinco eu fiz esse furinho a mais aqui, porque eu queria mais um furinho, né? (risos). Esse aqui faz uns cinco anos que eu já tenho. Aí, todo o mundo fala: ‘ai, como você tá moderninha’. Porque aí, né? Pessoa de 80 anos com mais um furinho? (risos).”*

Com tantos elementos para checar, cuidar, combinar e adequar, era vista como valiosa a dica de uma filha, neta, amiga, profissional de beleza ou dos núcleos de convivência. As investigadas dos dois países acreditavam que o envolvimento com outras pessoas ajudava a manter a atenção à aparência. Essa atenção era importante, inclusive, para continuar boa relação com seu entorno. De uma certa forma, as mantinha também envolvidas por razoável tempo consigo mesmas e a seus próprios universos pessoais.

Para brasileiras e espanholas, os investimentos diversos na construção da aparência eram necessários para gerar interesse por elas. Ou seja, para que as pessoas não tivessem medo de se aproximar, se interessassem por conhecê-las e as respeitassem (Ilustração 4). Algumas mencionaram que, pelos preconceitos estabelecidos sobre os idosos, concentrados nas perdas do envelhecimento, na velhice era ainda mais importante apresentar bom aspecto para contrapor imagens de decadência, tal como as descritas por pesquisadores que fundamentaram este estudo (Domínguez, 2013; Santana, & Belchior, 2013; Dias, Paúl, & Watanabe, 2014). Preocupada com a questão, uma das brasileiras relatou:

*“Eu me visto porque eu acho, assim, para ser apresentável. Para se apresentar, para sair, ninguém ter nojo da gente. Não é? Ninguém ter nojo da gente. Ninguém, assim, sem querer ficar perto da gente porque está com mau cheiro. Eu sempre falo para as minhas filhas: ‘o dia que eu estiver com cheiro, vocês me avisam! Vocês me avisam!’ Porque é muito feio uma velha fedida.”* (risos).

Notou-se, portanto, que a preocupação com a aparência visava a estar apresentável para qualquer pessoa. Porém, em especial, para manter boa relação com familiares e amigos. Uma das espanholas comentou a atenção redobrada ao visual quando participou de um evento do trabalho do filho, no qual não queria constrangê-lo na frente de seus chefes. Procurou estar bem-arrumada e comportada para que o filho sentisse orgulho, não tivesse vergonha de apresentá-la ou comprometesse seu posto.

No Brasil, uma das participantes relatou sobre a mudança feita no cabelo, no caso, para agradar às companheiras de voluntariado:

*“Agora eu pintei ele (cabelo) de cinza, porque estavam me enchendo o saco. Passei grafite, cor cinza. Está vendo? As meninas aqui (do*

voluntariado), *é, me encheram o saco. Inclusive ela (uma das colegas de voluntariado) comprou e me deu, falou 'você vai passar'.*

#### Ilustração 4. Aparência para aproximar



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

A preocupação e investimentos com a aparência visavam ao engajamento social em diferentes ocasiões e espaços, sendo ferramenta essencial para aproximação e relação com pessoas diversas. No entanto, o estabelecimento de modelos de inserção (Elias, & Scotson, 2000), no caso da aparência e modos de se apresentar na velhice, pode vir a proporcionar o sentimento de rejeição e isolamento. Nesse sentido, uma das brasileiras relatou porque não tinha ido a certos passeios promovidos pelo núcleo de convivência para idosos a que frequentava: *“eu quero ir, mas eu falo assim: ‘será que eu vou? Porque tem umas velhas que ficam muito chiques’. Então, talvez seja complexo, não sei. Pode ser que eu fui criada assim. Sou muito complexada, sou muito tímida”.*

Na velhice, percebeu-se que os aspectos morais e de gênero, do tempo da infância, além da adequação etária, manifesta na juventude e seguida na vida adulta, permaneceram presentes na construção da aparência na velhice das participantes das duas culturas investigadas.

Elas vinham procurando conciliar o aprendizado estabelecido com familiares, amigos, núcleos de convivência, médicos, TV, figuras públicas e a moda – mesmo negando – na composição de um aspecto pessoal que agradasse tanto a elas quanto aos envolvidos no processo, garantindo a permanência e os significados atribuídos aos vínculos.

As participantes, assim, utilizavam da aparência para conseguir e firmar relações sociais significativas ao longo da vida e na edificação de suas memórias. Procuravam, ainda, combater os prejuízos associados à velhice e aos mais velhos com uma apresentação, na visão delas, mais atraente e positiva. O cuidado da aparência esteve presente ao longo do processo de envelhecimento de diferentes formas e com variados significados, continuando ativo entre as participantes de ambas as culturas durante a velhice avançada.

### **Considerações finais**

Neste estudo, constatou-se que, para as participantes dos dois países, a construção da aparência, tal como o envelhecimento, constituiu um processo dinâmico e significativo. Ao longo de toda vida, elas demonstraram, a partir da exposição de suas trajetórias, a atenção, interesse, respeito e valorização dada à própria aparência e modos de se apresentar socialmente.

Para constituir as variadas aparências que tiveram durante a vida, as participantes contaram principalmente com ensinamentos e apoio de familiares, amigos, profissionais de beleza, instituições, médicos, televisão, figuras públicas e observação de modismos. Desde a infância, vinham negociando ou somando diferentes significados a sua forma de vestir e se portar, sendo os principais a decência, naturalidade e feminilidade. Estes, por sua vez, estiveram bastante relacionados a suas origens, ao entendimento e expectativas em torno do gênero feminino, à manutenção da dignidade familiar e ao poder das tradições passadas de geração em geração.

A autonomia na construção da aparência se mostrou crescente com o envelhecimento, especialmente pela passagem da dependência financeira e controle dos pais, durante a infância e juventude, para a administração do próprio lar e dinheiro, a partir da vida adulta – mesmo com poucos recursos.

No entanto, ainda que dispondo de maior controle sobre suas escolhas, as participantes consideravam significativamente o que haviam aprendido sobre a composição da aparência com outras pessoas, sobretudo familiares e pares etários. O foco desses investimentos, em geral, era o pertencimento social. Significados contraditórios de velhice foram acionados, conforme os interesses e ocasião.

Tanto as brasileiras como as espanholas vinham procurando lidar com transformações físicas e expectativas sociais, sem deixar de lado o próprio gosto pessoal, elaborando combinações estratégicas, práticas, versáteis e entendidas como bonitas. Procuravam estabelecer cuidados simples e que pudessem realizar sozinhas, de forma a facilitar a manutenção constante e autônoma de suas aparências.

A elaboração de seu aspecto pessoal considerava o desejo de obter e manter vínculos sociais, além da preocupação em passar uma imagem positiva da velhice que mantivesse, ainda, os significados construídos ao longo da vida e a própria autenticidade. Notou-se que a aparência era utilizada não apenas para envolver-se, mas também para impulsionar e motivar o constante autocuidado. Com o passar dos anos, percebeu-se que as redes e acervos das participantes se tornaram maiores e mais variados, conforme os diferentes papéis que vinham desempenhando.

De modo geral, foram percebidas poucas diferenças entre brasileiras e espanholas quanto aos significados da construção da aparência. Essas últimas, apenas demonstraram transitar e ter certo conhecimento de marcas e eventos de moda, especialmente nacionais. Foram notadas ainda algumas distinções entre as participantes solteiras e casadas, havendo a importância e participação do marido e filhos na constituição das aparências das últimas. Dessa forma, sugerem-se investigações que explorem a relação entre estado civil e a composição da aparência. Igualmente, geração e tradição, que se mostraram relevantes à constituição e perpetuação no tempo de valores familiares, como a dignidade e a decência, transmitidos e mantidos por meio da aparência.

## Referências

- Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/13.pdf>.
- Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.

- Blackman, C. (2011). *100 anos de Moda*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Brown, A., & Knight, T. (2015). Shifts in media images of women appearance and social status from 1960 to 2010: a content analysis of beauty advertisements in two Australian magazines. *Journal of Aging Studies*, 35, 74-83. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: 10.1016/j.jaging.2015.08.003.
- Campos, R. D. (2015). A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. *Cadernos Pagu*, 45, 457-478. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450457>.
- Carstairs, C. (2014). "Look younger, live longer": ageing beautifully with Gayelord Hauser in America, 1920-1975. *Gender & History*, 26(2), 332-350. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1111/1468-0424.12072>.
- Cavico, F. J., Muffler, S. C., & Mujtaba, B. G. (2013). Appearance discrimination in employment: legal and ethical implications of "lookism" and "lookphobia". *Equality, Diversity and Inclusion International Journal*, 32(1), 83-119. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/02610151311305632/full/html?skipTracking=true>.
- Cohen, L. (1998). Não há velhice na Índia: os usos da Gerontologia. In: Debert, G. G. *Textos Didáticos n.º 13: Antropologia e Velhice* (2ª ed., 65-118). Campinas, SP: Textos Didáticos.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Dias, M. A., Paúl, C., & Watanabe, H. W. (2014). Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 125-143. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20286>.
- Domínguez, T. N. (2013). Cine y envejecimiento activo: la imagen de la actividad física en las películas. *Escritos de Psicología*, 6(2), 20-25. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/2710/271028444004.pdf>.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Friedman, J. (1990). Being in the world: globalization and localization. *Theory, Culture & Society*, 7, 311-328. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026327690007002018>.
- Galak, J., Gray, K., Elbert, I., & Strohminger, N. (2016). Trickle-down preferences: preferential conformity to high status peers in fashion choices. *PLOS ONE*, 11(5), 1-11. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0153448>.

- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Karl, K. A., Hall, L. M., & Peluchette, J. V. (2013). City employee perceptions of the impact of dress and appearance: you are what you wear. *Public Personnel Management*, 42(3), 452-469. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://ro.uow.edu.au/buspapers/251/>.
- Karl, K., Peluchette, J. V., & Hall, L. M. (2016). Employee beliefs regarding the impact of unconventional appearance on customers in Mexico and Turkey. *Employee Relations*, 38(2), 163-181. Recuperado em 01setembro, 2018, de: DOI: 10.1108/ER-05-2015-0083.
- Langevin, A. (1998). A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. *Caderno CRH(29)*, 129-149. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18696>.
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Maria Lúcia Machado, Trad. Companhia de Bolso.
- Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Gerontologia Social.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Rodrigues, A. d., & Justo, J. S. (2009). A resignificação da velhice na terceira idade. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 14(2), 169-186. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7233>.
- Santana, C. d., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>.
- Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27352>.
- Schemes, C., Duarte, P. S., & Magalhães, M. L. (2015). Anseios e desejos: mulher madura e a moda como construção social. *Revista PRÁKSIS*, 2(12), 146-158. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=>.
- Silva, E. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista Iara*, 6(1), 66-89. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: [http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05\\_IARA\\_vol6\\_n1\\_Artigo.pdf](http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf).
- Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/15251/11377>.
- Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist.* Fonte: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

---

**Patrícia Yokomizo** – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: [pati@usp.br](mailto:pati@usp.br)

**Andrea Lopes** – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: [andrealopes@usp.br](mailto:andrealopes@usp.br)